

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.:

Data: 30.10.75

Pg.:

**Ismarth: atração
dos waimiris
não vai mudar**

ESP = 30/10/75

Contrariando as declarações feitas pelo novo chefe da frente de atração dos índios waimiris-atroaris, Sebastião Firmo, o presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira, garantiu ontem que não se pretende acelerar o processo de atração desses índios, medida que poderia trazer consequências desastrosas. Disse o general que a expedição continuará esperando por uma aproximação espontânea dos índios e fiscalizando o canteiro de obras da rodovia Manaus-Caracarái para que não haja choques entre índios e brancos.

O sertanista Apoena Meireles, que se afastou há algumas semanas da frente, também manifestou-se contrário a qualquer mudança na tática empregada até agora pela Funai, já que todas as tentativas anteriores de contato, com métodos diferentes, fracassaram.

"O contato com esses índios é fácil de ser feito — afirmou — o difícil é consolidá-lo. Acho importante que a aproximação seja "amarrada", até que a área dos waimiris-atroaris seja efetivamente delimitada e demarcada e que se tornem nulos os títulos de propriedade dentro da área indígena".

Para Apoena, o isolamento do índio é necessário até que a Funai monte uma infra-estrutura na área, garantindo a permanente fiscalização da reserva indígena. Esta fiscalização, se-

gundo explicou o presidente da Funai, será feita com o aparelhamento de três postos — Alalau, Camanau e Rio Pretinho — com rádios e viaturas para controlar o tráfego da estrada.

Dizendo-se contrário à adoção de processos rápidos de contato com grupos indígenas isolados, Apoena explicou a tática exatamente oposta que adotou no trabalho de atração dos índios ava-canceiros, do Norte de Goiás: "Os ava-canceiros viviam uma situação totalmente diferente das waimiris-atroaris. Perambulavam por uma região já totalmente ocupada por fazendas e já tinham tentado vários contatos espontâneos com civilizados, todos eles frustrados. Atrair os canieiros era garantir a sobrevivência do reduzido grupo de 12 pessoas".

Já no caso dos waimiris-atroaris, Apoena acha que, a não ser o problema da estrada que corta sua reserva, os índios não estão ameaçados pelas frentes pioneiras. "Se eles forem contactados agora, antes que a Funai tenha uma boa infra-estrutura na área, fatalmente serão atraídos para a estrada, podendo repetir-se a mesma tragédia que ocorreu com os suruí, em Rondônia: suas terras foram cortadas pela BR-364, Cuiabá-Santarém, e parte do numeroso grupo já morreu nos contatos indiscriminados que mantiveram com a estrada".